



César Prates, um dos idealizadores do Catetinho, descobriu “a alma de Brasília” na improvisação da obra

Catetinho: a surpresa vira marco

Marco histórico de Brasília por ter sido, ao mesmo tempo, a primeira residência oficial e a construção pioneira no cerrado brasileiro, o Catetinho nasceu de maneira curiosa e foi a primeira grande surpresa destinada ao presidente Juscelino Kubitschek. A concepção do prédio nasceu no Juca's Bar, do Ambassador Hotel, no Rio de Janeiro, a partir do projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Convocado à última hora, porém, Niemeyer não chegou a participar da discussão inicial que reuniu, em torno da idéia, os pioneiros César Prates, então relações públicas da Novacap, e os engenheiros José Ferreira de Castro Chaves e Roberto Pena, além de João Milton Prates.

Segundo César Prates, primeiro homem convidado pelo recém-empossado presidente da Novacap, Israel Pinheiro, para compor a equipe de construção da nova capital da República, a ordem inicial era para que ele apanhasse no Exército cem barracas de campanha destinadas à instalação no cerrado. Aquela época — 1956 — a edificação de Brasília começava a dar os primeiros passos, com a desapropriação das fazendas localizadas em área do Estado de Goiás.

Em 1956, só estavam definidos os locais para a construção do Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel, instalado fora do Plano Piloto. O Plano só seria idealizado no ano seguinte. Desde a construção do Catetinho, onde Juscelino habitaria por um ano e meio, Prates manteve-se fiel à cidade, onde ainda permanece aos 78 anos de idade. “Hoje, infelizmente, acho que, dos idealizadores do Catetinho, sou o único vivo”, recorda-se.

A iniciativa do grupo de cons-

trutores do Catetinho, materializada no papel por Oscar Niemeyer, teve como resultado o surgimento de um prédio de quatro quartos, sala e demais dependências, construído sobre pilotis em área considerada agradável pela proximidade com um veio d'água. Assim como a concepção, a edificação também foi rápida: em dez dias, todo o prédio estava concluído para a inauguração final em 10 de novembro de 1956. Juscelino e Israel Pinheiro teriam achado “fantástica” a idéia.

As dificuldades oferecidas pela região, cortada por número reduzido e precário de estradas, não impediram que um grupo de mineiros, trazidos de Araxá pelo engenheiro Roberto Pena, transportasse para o Centro-Oeste algumas madeiras para construir a residência. Além da Aroeira, outras madeiras existentes na mata do Catetinho foram retiradas e

usadas na obra. A improvisação, resultado da inexistência de maquinário de serralha, levou a usar o motor de um Jipe como serra.

“Aquilo ali foi a alma de Brasília”, avaliou César Prates ao recordar as palavras de Juscelino, que afirmara na época: “Se meus amigos fizeram esse palácio de madeira em dez dias, porque outros construtores, que têm máquinas e conforto para fazer, não vão fazer Brasília?”.

Defensor da necessidade de crescimento da capital hoje, Prates considera que houve certo desvirtuamento do projeto original, “porque Brasília ia ser o cérebro da administração do País, como é Washington (Estados Unidos)”, mas saltou dos 600 mil habitantes previstos inicialmente para mais de dois milhões de pessoas. “Washington hoje não tem 500 mil habitantes”, observa o pioneiro.